

PATÉTICO CONGRESSO

(Folha de São Paulo – 23/01/2007)

Qualquer que seja o resultado das eleições para a presidência da Câmara dos Deputados, no próximo dia 1º de Fevereiro, a instituição sai derrotada.

Sua imagem foi profundamente maculada, nos anos de 2005 e 2006, quando, ao desmoralizar seu Conselho de Ética, absolveu a esmagadora maioria dos deputados envolvidos em esquemas de uso ilegal de recursos públicos e privados, apesar da corajosa denúncia apresentada pelo Procurador-Geral da República ao Supremo Tribunal Federal, contra aqueles que a mídia denominou de “quadrilheiros”.

Presidia a instituição o candidato que ora se lança para a reeleição. Por outro lado, o partido mais envolvido na veiculação de dinheiro de origem até hoje não explicada para a Receita Federal, Justiça Eleitoral e Justiça comum, apresenta outro candidato.

Em verdade, disputam a presidência da nova Câmara pessoas ligadas aos velhos e tradicionais costumes partidários (um deles) e congressuais (o outro), não ostentando, infelizmente, qualquer renovação ou esperança de que aquela Casa Legislativa possa ser melhor, em sua nova composição, do que foi na legislatura encerrada em 31/12/2006 - a mais desmoralizada representação popular da história da República.

O partido ideológico por excelência do Brasil é o PMDB. Continua convicto de sua tradição: “Há governo, sou governo”. Foi governo com Sarney, Collor, Itamar, Fernando Henrique e Lula. E será com qualquer que seja o presidente, pois sua ideologia não é filosófica, mas pragmática. O poder é para ser usufruído e o PMDB tem fantástica tradição nessa atividade. Como não poderia deixar de ser, está apoiando, decididamente, o candidato da agremiação presidencial.

O presidente Lula, que foi eleito, independentemente dos partidos, delegou a seus ministros a tarefa de fazer composições à custa dos contribuintes brasileiros, declarando que tem mais de 5.000 cargos federais para negociar adesões. Não serão eles preenchidos, pois, pelas pessoas mais bem qualificadas para o exercício das respectivas funções, mas por aqueles que, por pretenderem apenas gozar das benesses do poder, darão apoio a qualquer projeto do governo.

Enquanto isso, todos os escândalos descobertos nos porões de Brasília, do Parlamento e dos partidos aliados continuam sem solução, podendo-se constatar, pelas páginas da Folha, que as pessoas que mais movimentaram dinheiro ilícito –pois sem origem ou justificção– passaram, magnificamente, os feriados natalinos, em sofisticadas praias do Nordeste.

A “terceira via”, formada por um grupo de parlamentares decentes, preocupados em mudar o perfil do legislativo brasileiro, todavia, não cresce, talvez pelo fato de seus integrantes serem decentes demais, num Congresso habituado a “acomodações” éticas.

E, enquanto isto, o Brasil vê -como alertaram os dirigentes da General Motors e do FMI- o mundo passar à sua frente, porque seu governo fez a opção preferencial por não crescer. Por privilegiar os conchavos políticos e não o desenvolvimento. Por beneficiar com subsídios elevados -para um país pobre- os novos representantes do povo no Congresso e não a geração de empregos. Por adotar planos assistencialistas, que mais estimulam o ócio, do que incentivam a capacitação individual em busca da integração social. Por tributar escandalosamente o povo, em vez de gerar progresso, mediante uma carga tributária pelo menos no mesmo nível daquela dos países emergentes. Por estar mais preocupado em acolitar aprendizes de ditadores - como Chaves, Morales e Fidel - do que em implantar a verdadeira democracia, em que os governantes servem a sociedade e não se servem da sociedade para gozo e usufruto do poder, como estão a demonstrar os acordos celebrados e a distribuição de cargos. Não sem razão, em 17 do corrente, a "Heritage Foundation" colocou o Brasil em 62º lugar entre os países de corrupção mais perceptível!!!

Deveríamos todos apoiar a rebelião pela ética proposta por aqueles poucos parlamentares que têm consciência de lá estarem representando a sociedade e que o resgate da imagem do Congresso é fundamental para a estabilidade da democracia. E não é com os personagens que protagonizaram um passado melancólico que se poderá obter tal resgate. Por enquanto, a Câmara dos Deputados revela uma patética semelhança com aquela dos desmandos de 2005 e 2006.